

Ranolfo Viera Júnior assume a presidência do BRDE

Ex-governador defendeu importância da instituição na reconstrução do RS

/ BANCOS

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

O ex-governador Ranolfo Viera Júnior assumiu ontem o cargo de diretor-presidente do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). Durante a posse, no fim da manhã, no Palácio Piratini, Ranolfo destacou o desafio de sua gestão de dar continuidade ao crescimento do BRDE.

Em relação ao Rio Grande do Sul, que foi afetado pela maior tragédia climática de sua história em maio, o dirigente informou que deve anunciar, em breve, um programa de apoio a alguns setores da economia gaúcha que foram mais afetados pelas enchentes.

A solenidade teve a presença do governador Eduardo Leite e de João Paulo Kleinübing, que deixou a presidência do banco. O comando do BRDE obedece a um sistema de rodízio entre os representantes dos três estados acionistas do banco (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). O período de gestão de cada presidente é de 16 meses.

Ranolfo foi eleito vice-governador em 2018 ao lado de Eduardo Leite, assumindo como governador em março de 2022. Desde julho de 2023, atuava no BRDE como vice-presidente e diretor de Operações. O executivo lembrou que o BRDE tem apresentado ex-



Ranolfo (c) assinou o termo de posse em solenidade no Piratini

celente crescimento anual. “No ano passado, o banco fechou no Extremo Sul do Brasil mais de R\$ 5,8 bilhões em negócios, representando um crescimento de 32% em comparação com 2022, então, temos que dar seguimento a isto”, salientou.

O novo presidente do banco também destacou que o BRDE tem um papel importante para auxiliar na reconstrução do Rio Grande do Sul, para que o Estado consiga retomar a normalidade o quanto antes. “Ajudar principalmente aqueles municípios gaúchos que estão em estado de calamidade pública. Neste sentido, o banco está trabalhando em uma linha de financiamento, e deveremos anunciar nos próximos dias esse plano”, antecipou.

Ranolfo explica que este trabalho está sendo desempenhado pela equipe do BRDE com o apoio

do governo do Estado e tem como objetivo atuar em áreas estratégicas, favorecendo o crescimento do Rio Grande do Sul.

Também garantiu que as cooperativas vão continuar sendo foco do BRDE. “Sem dúvida alguma, as cooperativas são grandes clientes, para não dizer parceiros do BRDE; o agronegócio sustentável é uma de nossas molas mestras por assim dizer, sendo que mais de 50% de nossos negócios estão nesta área”, observou.

Ele salientou que a instituição é uma referência no fomento da cadeia do agronegócio sustentável, da inovação na indústria e da geração de energia renovável. “Hoje, são mais de 37 mil clientes ativos, além da presença em mais de 1.200 municípios. No meu mandato, seguiremos nesta linha no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Paraná.”

Gestão da instituição seguirá voltada à sustentabilidade

Ranolfo explicou que o banco continuará dando atenção à sustentabilidade em sua gestão. “No ano passado, 80% de nossas contratações estavam vinculadas ao desenvolvimento sustentável. Nós tomamos com base nos 17 objetivos da Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).” Segundo o dirigente, o BRDE é conhecido como o “banco verde”, exatamente, pelas suas atitudes nesta área.

O governador Eduardo Leite lembrou do papel relevante do BRDE, como uma instituição sólida e de credibilidade. “É um ins-

trumento valioso e importante para o desenvolvimento de toda a Região Sul do Brasil, e naturalmente para o Estado do Rio Grande do Sul”, citou. Leite destacou a capacidade de trabalho de Ranolfo e lembrou de sua trajetória na vida política. “O BRDE estará em boas mãos”, salientou.

João Paulo Kleinübing, que passa a partir de agora atuar na instituição como diretor financeiro, diz que o BRDE, nesta nova gestão, irá continuar comprometido com a recuperação do RS. “O BRDE, não só continuará operando linhas de financiamento do banco para disponibilizar novos recursos

para empresas, mas também negociando, tanto com Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), como com o Banco de Desenvolvimento do Brics”, diz.

AS SUAS
ESCOLHAS
VALORIZAM
O FUTURO

| Escolha Unicred

UNICRED
unicred.com.br

Gerson Anzzulin
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

A influência dos 30 anos do Real no mercado segurador

No dia primeiro de julho de 1994 o Brasil entrou oficialmente na era do real. Com a nova moeda, o país sepultou os longos períodos inflacionários. A influência dos 30 anos do Real no mercado de seguros é o tema da entrevista com o coordenador acadêmico e professor da Escola de Negócios e Seguros, Luiz Macoto Sakamoto.

- O que significou o Plano Real e a consequente implantação da nova moeda há 30 anos no Brasil?

O Plano Real teve o grande mérito de trazer estabilidade. O desenvolvimento do setor de seguros é atrelado à economia. Se a economia vai bem, o segmento tende a crescer e foi isto o que aconteceu nos últimos 30 anos.

- Por que os planos apresentados antes do Plano Real, como Cruzado, Bresser, Verão e Collor, não deram certo?

Fundamentos econômicos. Avaliando pela perspectiva histórica, o mérito do Plano Real foi perceber o fenômeno da inflação inercial. Os preços aumentavam em função da perspectiva da inflação futura. Os idealizadores do Plano compreenderam que a inflação iria cair se ocorresse a implantação de uma nova moeda sem os efeitos da inflação inercial. Nos planos anteriores a simples troca de moeda não trouxe estabilidade porque os fundamentos econômicos não estavam firmes.

- Como as seguradoras operavam no período inflacionário?

Existiam tarifas padronizadas naquela época. A competição não se dava pelo produto, mas sim na área comercial. Em época de hiperinflação, as seguradoras eram investidoras institucionais. As provisões eram aplicadas no mercado financeiro. Assim, esses ganhos aplacavam o resultado operacional. Atualmente, o resultado das companhias vem dos produtos.

- Em 2023 a CNseg lançou o Plano de Desenvolvimento do Mercado Segurador. A principal meta é atingir 10% do PIB até 2030. Essa proposta é a mostra que o mercado segurador acredita na estabilidade da economia brasileira?

Se o índice de participação do mercado de seguros no Produto Interno Bruto de um país é baixo, significa que o segmento não é desenvolvido naquela economia. A produção do mercado de seguros no Brasil em 2023 totalizou R\$ 669 bilhões. Isto representa 6,2% do PIB brasileiro. No início do Plano Real, essa participação era de 1,3%. Na comparação com economias mais desenvolvidas, estamos abaixo do índice de participação no PIB. Quando a CNseg lança um desafio deste porte, de chegar a 10% do PIB, trata-se de uma aposta no desenvolvimento da economia, estabilidade e modernização do setor.

- Para atingir essa meta é importante atingir as faixas C e D da população?

A média per capita de arrecadação de seguros no país está em torno de R\$ 3 mil. É um número baixo se fizermos uma comparação com economias de outros países. No Brasil, o produto seguro é uma mercadoria consumida pelas classes A e B e com pouca penetração nas classes C e D. O que está se procurando é elaborar produtos que sejam adquiridos por estas classes. O auxílio funeral se encaixa nesta proposta.



Luiz Macoto Sakamoto: “O setor de seguros cresce com a estabilidade econômica”

DIVULGAÇÃO ENS

ACOMPANHE AS NOVIDADES DO MERCADO SEGURADOR.

Assine nossa newsletter diária. Mande email para sindsegrs@sindsegrs.com.br

Nos siga nas redes sociais:

